

**O processo de subjetivação feminina à luz da psicanálise:
uma pesquisa documental sobre a cantora Maysa**

*The process of female subjectivation in the perspective of psychoanalysis:
documentary research on the singer Maysa*

Jamille Karen da Silva SOUZA¹
Lorena Aragão de SOUZA²
Pablo Mateus dos Santos JACINTO³

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise acerca do processo de subjetivação feminina à luz da psicanálise e possíveis implicações nos papéis sociais designados à mulher, a partir da leitura de duas produções biográficas sobre a cantora e compositora Maysa (1936-1977), uma das vozes mais marcantes da música popular brasileira. Maysa, que fez grande sucesso nas décadas de 1950 e 1960, se destacava também por ser uma mulher que não acatava as injunções acerca do ideal de feminilidade impostos socialmente na sua época. É possível entender o processo de subjetivação enquanto um percurso em que o sujeito se constrói, tornando-se único. Tratando-se do processo de subjetivação feminina, para Freud, o complexo de castração nas meninas incentivaria a feminilidade, preparando-as para o papel que lhes caberia mais tarde: o da maternidade. Contudo, se antes a concepção de feminilidade para Freud é atravessada por um contexto em que as mulheres já possuíam um papel pré-estabelecido, Lacan amplia tal conceito e passa a pensar a mulher enquanto autora de sua própria narrativa, única criadora da sua subjetivação.

Palavras-chave: Subjetivação. Feminilidade. Mulher. Maternidade. Devastação.

Abstract

This work presents an analysis about the process of female subjectivation in the light of psychoanalysis and possible implications for the social roles assigned to women, from the reading of two biographical productions about the singer and composer Maysa (1936-1977), one of the most striking voices of Brazilian popular music. Maysa, who was very successful in the 1950s and 1960s, also stood out for being a woman who did not accept the injunctions about the ideal of femininity imposed socially in her time. It is possible to

¹ Graduanda de Psicologia do Centro Universitário Jorge Amado (Unijorge).
E-mail: jamille-karen@hotmail.com

² Graduanda em Letras - Português. Centro Universitário Leonardo da Vinci, UNIASSELVI, Brasil.
E-mail: lorenaaragao@outlook.com

³ Doutorando em Psicologia na Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil.
E-mail: pablojacintopsi@gmail.com

understand the process of subjectification as a path in which the subject is built, becoming unique. When it comes to the process of female subjectivation, for Freud, the castration complex in girls would encourage femininity, preparing them for the role that would later fit them: that of motherhood. However, if before Freud's conception of femininity is crossed by a context in which women already had a pre-established role, Lacan expands this concept and begins to think of women as the author of their own narrative, the sole creator of their subjectivity.

Keywords: Subjectification. Femininity. Women. Maternity. Devastation.

Introdução

A subjetivação feminina é um campo de estudo que constitui o início dos trabalhos de Freud com a clínica psicanalítica e a histeria. De acordo com Almeida (2012), para Freud (1933), o tornar-se mulher só poderia ser alcançado através da maternidade e, sobretudo, se a mulher tivesse um filho do sexo masculino. Com a introdução do complexo de castração, a menina se vê diante de três possibilidades: frigidez ou inibição sexual; ênfase da sua masculinidade; ou tornar-se mulher através da maternidade. Assim sendo, somente a terceira possibilidade, em que as meninas passariam a ter a figura paterna como objeto de amor, levaria à emergência da feminilidade com a dissolução do complexo de Édipo.

Segundo Kehl (2016), para Freud (1933) o complexo de castração nas meninas possibilitaria uma posição feminina, preparando-as para o papel da maternidade. Lacan (1972-1973), por sua vez, partindo dos estudos de Freud, deu um novo alcance à questão da sexualidade e subjetivação feminina com o conceito de devastação e lógica da sexuação a partir da dialética de ser ou ter o falo - o significante estruturado no campo sexual -, em que a mulher estaria não-toda, ou seja, ela estaria não-toda na medida em que falta de uma Mulher toda regida pela lógica fálica impede a formação do conjunto de todas as mulheres, por isso ele afirma que A mulher não existe, mas sim mulheres uma a uma.

A justificativa deste trabalho, então, está pautada na relevância acadêmica e social; no que diz respeito à primeira, a escassez de artigos que falam sobre o tema possibilita que este artigo contribua potencialmente para os estudos acerca da constituição do sujeito feminino. Cabe ressaltar, também, a importância de estudos acerca de uma perspectiva mais atual sobre o tornar-se mulher, tendo em vista que as discussões sobre gênero,

sexualidade e o papel da mulher tomam corpo e a ideia de feminilidade passa por transformações na cultura e na sociedade.

No que tange à sua relevância social, pode-se afirmar que compreender o processo de subjetivação da mulher é necessário tendo em vista que nos encontramos inseridos num contexto patriarcal em que o ideal de feminilidade atravessa constituição da mulher enquanto sujeito. É inegável que, por muito tempo, a noção de realização da mulher esteve diretamente atrelada a papéis que, atualmente, já não lhe cabem mais. Logo, possibilitar o entendimento acerca do tornar-se mulher, fazendo com que os indivíduos possam questionar e compreender este processo e suas implicações, desconstruindo preconceitos e mitos acerca destes papéis sociais, é de suma relevância.

Dessa forma, essa pesquisa teve como objetivo geral analisar o processo de subjetivação feminina e suas implicações nos papéis sociais designados à mulher sob o enfoque psicanalítico através da análise de produções biográficas sobre a cantora Maysa. Os objetivos específicos, portanto, foram: analisar de que forma ocorre o processo de subjetivação feminina para a Psicanálise; analisar como este processo de subjetivação é representado nas biografias sobre Maysa; e apresentar as suas implicações nos papéis sociais designados à mulher.

Na medida em que aprofundamos discussões e debates acerca do processo de tornar-se mulher à luz das teorias de Freud e Lacan, nas estruturas sociais mais recentes, se torna possível abrir novos horizontes para a compreensão acerca da constituição do sujeito feminino, percebendo as transformações do papel da mulher na sociedade.

A subjetivação feminina para a psicanálise freudiana e lacaniana

A concepção freudiana acerca do feminino foi atravessada pelo surgimento da Psicanálise na medida em que se dá o encontro de Freud com o mal-estar das mulheres, o qual intitulou de histeria, no final do século XIX e início do século XX. Segundo Almeida (2012), o ideal de feminilidade nesta época era abordado através do discurso masculino, sendo a natureza da mulher compreendida a partir de atributos como docilidade, calma, cuidado, afetividade e uma receptividade passiva, com um único objetivo de satisfazer as necessidades dos homens e, posteriormente, dos seus filhos. Com isso, a figura da mulher era construída associada à maternidade, mas vale ressaltar que,

paradoxalmente, havia um forte discurso nesta época de que a mulher deveria ser domada e domesticada:

A figura da mulher estava construída em torno do atributo da maternidade, isto é, o erotismo propriamente feminino deveria passar pelo labirinto enigmático da maternidade. Por outro lado, num evidente paradoxo, uma ideia bastante corrente, naquele momento, apontada que a natureza feminina precisaria ser domada pela sociedade e pela educação para que as mulheres pudessem cumprir o destino ao qual, estariam naturalmente designadas – serem esposas e mães (ALMEIDA, 2012, p. 30).

Por isso, foi com as mulheres atravessadas por este contexto que Freud se deparou em seu consultório. De acordo com Almeida (2012), de frente à coerção ao seu corpo, sua sexualidade e sua vida, as mulheres encontraram, nos sintomas histéricos, uma forma de apresentar sua insatisfação e seu protesto. Nesta direção, a Psicanálise ganha seu feito, posto que foi a partir dos estudos acerca dos sintomas de histeria e da sexualidade que Freud passa a trabalhar a ideia de feminilidade e a construção do devir mulher. A sexualidade, então, antes entendida sob um enfoque biológico, passa a ser pensada também a partir do enfoque psíquico, apresentando-se de múltiplas formas. Ainda segundo Almeida (2012), a teoria freudiana explica que o complexo de castração nas meninas seria despertado pela visão do pênis nos meninos, a menina se vê castrada, levando-a ao sentimento de inferioridade. A menina rivaliza com a mãe que acusa de tê-la tornado ‘faltante’ e volta-se para o pai na tentativa de substituir a falta do pênis.

À vista disso, o complexo de Édipo desempenha um papel fundamental no desenvolvimento sexual; enquanto nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas, ele se faz possível e é introduzido pelo complexo de castração. E é a partir dessa introdução que a menina se vê diante de três possibilidades; a primeira a levaria a uma frigidez ou inibição sexual; a segunda levaria a menina a superenfatizar a sua masculinidade; e a terceira diz respeito a tornar-se mulher pela via da maternidade. Segundo Peres, Centurion e Cremasco (2018), somente a terceira possibilidade, por meio da qual as meninas passariam a ter a figura paterna como objeto de amor, levaria à emergência da feminilidade com a dissolução do complexo de Édipo. Dessa forma, o complexo de castração faz com que ela substitua a falta do pênis pelo desejo de ter um filho com o pai:

O desejo com que a menina se volta para o pai é, sem dúvida, originariamente o desejo do pênis que a mãe lhe negou e que agora

espera do pai. Mesmo assim, a situação feminina somente se estabelece quando o desejo de pênis se substitui pelo desejo do filho e, então, seguindo uma antiga equivalência simbólica, o filho aparece no lugar do pênis... Com a transferência do desejo filho-pênis ao pai, a menina ingressou na situação do complexo de Édipo (FREUD, 1932/1990a, p.119).

De acordo com Kehl (2016), diante da castração consumada a menina volta seu amor para o pai na esperança de algum dia receber dele o que a sua mãe foi incapaz de lhe dar: um pênis ou outro substituto à altura, na forma de um bebê. Na medida em que esse desejo jamais se realiza, o complexo de Édipo na menina é abandonado aos poucos.

É por isso que, para Freud (1933), o complexo de castração nas meninas incentivaria a feminilidade, preparando-as para o papel que lhes caberia mais tarde: o da maternidade. Cabe salientar também que tal descoberta das meninas de que não possuem um pênis, na fase fálica, acarreta num afastamento da relação intensa com a figura materna, uma vez que atribuem à mãe a culpa por essa falta, essa descoberta incentivaria uma rivalidade com a mãe, uma hostilidade, por conta dessa castração consumada a faz se afastar da mãe e se voltar para o pai, constituindo também uma pré-condição necessária para o desenvolvimento da feminilidade.

Lacan, mais tarde, contribui para o estudo acerca do feminino acrescentando que há algo na mulher que sempre escapa ao discurso, formulando, assim, a lógica da sexuação, em que aborda a diferença sexual do gozo feminino e do gozo masculino. Segundo Queiroz, Siqueira e Nóbrega (2017), o gozo masculino mantém de certo modo a questão edipiana proposta por Freud no sentido de que está regido pela castração e pela lógica fálica, sendo assim, o homem se caracteriza pelo gozo fálico. A mulher, por sua vez, teria duas modalidades de gozo: o gozo fálico e o gozo outro (ou gozo feminino). Este gozo é definido por uma relação com o não-todo, ou seja, a mulher é não-toda submetida à castração. O não-toda diz respeito a mulher se manter de fora de toda significação, na medida em que parte do seu gozo está fora da linguagem:

A mulher, isto só se pode escrever barrando-se o A. Não há A mulher pois pela sua essência não é toda. (...) Não há mulher senão excluída pela natureza das coisas que é a natureza das palavras. (...) Nem por isso deixa de acontecer que se ela está excluída pela natureza das coisas, e justamente pelo fato de que, por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar (LACAN, 1972-1973, p. 98-99).

Dessa forma, a incompletude do ser feminino em Freud é tomada em Lacan como “inconsistência”, na medida em que, para o autor, a lógica fálica que rege a mulher impede a formação do conjunto de todas as mulheres. Essa ideia subverte o conceito de mulher, uma vez que, para Lacan, A mulher não existe:

A falta de uma Mulher toda regida pela lógica fálica impede a formação do conjunto de todas as mulheres, por isso ele afirma que A mulher como universal não existe. Elas só existem uma a uma numa série aberta. O que a faz não-toda fálica é a experiência de Outro gozo diferente do gozo fálico, do qual também participa (QUEIROZ, SIQUEIRA E NÓBREGA, 2017, p. 144).

Ao afirmar que A mulher não existe, Lacan fala sobre a devastação, que nos introduz a uma questão do feminino que nos permite compreender que não há uma ideia ou conceito que abarque todas as variabilidades e as parcialidades do sujeito feminino. O autor compreende a devastação a partir da fórmula “A mulher não existe”, abordando a impossibilidade de definir a mulher.

Segundo o autor, não há para a mulher um significante que fundamente seu ser em termos de identificação, como há para os homens, sendo eles identificados pelo significante falo. É na medida em que para a mulher há uma série de identificações e não uma única identificação, que se torna difícil falar de apenas uma forma de ser mulher. É dessa maneira que a constituição da feminilidade acaba sendo atravessada por uma série de questões e dificuldades. Ou seja, não existe A mulher; existem as mulheres, uma a uma. Na sua singularidade. Na sua unicidade. Se, antes, a concepção de feminilidade para Freud é atravessada por um contexto em que as mulheres já possuíam um papel pré-estabelecido, Lacan amplia tal conceito e passa a pensar a mulher enquanto autora de sua própria narrativa, única criadora da sua subjetivação.

Posto isto, é nesta direção que a fundamentação teórica pode responder ao problema levantado pela presente pesquisa; a subjetividade é sobre tornar-se sujeito, logo, o processo de subjetivação é o percurso em que o sujeito se constrói, tornando-se único. É na medida em que há um entrelaçamento dos fatores internos ao mundo externo, que se fomenta uma posição singular frente ao mundo. No que tange o tornar-se mulher, as teorias postuladas por Freud e Lacan apresentadas aqui nos permitem analisar o processo de subjetivação feminina de Maysa, cantora que fez grande sucesso nas décadas de 1950 e 1960, para assim refletir e apontar as possíveis implicações que ocorrem no processo da cantora de tornar-se mulher.

Método

O método utilizado foi o da análise documental que, de acordo com Silva et al. (2009), viabiliza a investigação de determinada problemática não em sua interação imediata, mas de forma indireta, através do estudo acerca dos documentos que são produzidos pelo homem e por isso revelam o seu modo de ser, viver e compreender um fato sociocultural. Dessa forma, as autoras explicam que estudar documentos implica fazê-lo a partir do ponto de vista de quem os produziu e isso requer cautela e perícia por parte do pesquisador para não comprometer a validade do seu estudo. O delineamento foi escolhido não apenas levando em consideração a pesquisa documental enquanto uma importante técnica que nos ajuda na compreensão da conjuntura histórica, social e cultural de um determinado fenômeno, como também a escassez de artigos empíricos sobre o processo de subjetivação feminina.

Foram selecionados dois documentos para a coleta de dados, sendo eles ‘Maysa: só numa multidão de amores’ (2017), de Lira Neto, e ‘Meu mundo caiu – A bossa e a fossa de Maysa’ (2004), de Eduardo Logullo. A biografia da cantora Maysa foi escolhida seguindo alguns critérios de inclusão: mulher, brasileira, relativamente contemporânea e uma das vozes mais marcantes da história da música popular brasileira, foi uma figura emblemática com traços de uma personalidade que se destacavam na sua época. Os documentos, por sua vez, foram escolhidos por se tratar de biografias autorizadas pela família da cantora, o que possibilita uma maior fidedignidade acerca da vida de Maysa. Foi levado em consideração também, como critério de escolha, a semelhança dos sintomas de Maysa frente a papéis sociais atribuídos à mulher com os sintomas das pacientes que chegaram ao consultório de Freud, bem como a presença da devastação nas suas relações amorosas.

No que tange o procedimento de coleta de dados, os documentos escolhidos não passaram por tratamento analítico prévio e a abordagem do tratamento dos dados foi qualitativa. Nesta direção, foi realizada uma leitura minuciosa dos documentos escolhidos, o que possibilitou identificar duas categorias de análise, sendo elas: Maysa, papéis sociais e o processo de subjetivação feminina para a psicanálise freudiana; e Maysa e a devastação no processo de subjetivação feminina. Posteriormente, as duas categorias definidas foram correlacionadas com a teoria apresentada no marco teórico, sendo feita

uma interpretação dos dados coletados, a qual nos possibilitou refletir e produzir conclusões acerca do tema.

Maysa, papéis sociais e o processo de subjetivação feminina para a psicanálise freudiana

Regras socialmente reforçadas produzem papéis sociais que são modos de comportamentos precedentemente estipulados para os indivíduos de uma posição social ou gênero. Dessa forma, tendo em vista a atribuição de papéis sociais associados à cantora Maysa, aqui nos propusemos a ilustrar de que forma ser mulher, artista, esposa e mãe, papéis estes que, de acordo com as biografias de Maysa aqui analisadas, não seguiram o ideal de feminilidade exigidos no contexto em que a cantora estava inserida. Nos propusemos também a discutir de que forma o percurso explorado pela Psicanálise acerca da subjetivação feminina por via da maternidade carece de ser analisado na contemporaneidade, uma vez que a obra freudiana é produto de um contexto sócio-histórico específico.

Maysa nasceu no Bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, no dia 6 de junho de 1936. Segundo Logullo (2004), a cantora tinha pais aristocráticos, tidos pela alta sociedade como boêmios e liberais, viviam cercados por músicos e ajudavam artistas desafortunados. Com dois 2 anos Maysa se muda para São Paulo, seu pai, de político renomado, se torna agora fiscal federal em Bauru, onde passa a morar em uma casa na área mais cosmopolita da cidade. Maysa, quando completou 8 anos, foi matriculada em regime de internato no colégio Sacré Couer de Marie, uma instituição doutrinadora que tinha normas dogmáticas dirigidas por freiras, onde as meninas tinham matérias como boas maneiras, latim e cortesia epistolar, um ensinamento baseado na repressão, e toda leitura era controlada. Quando era chegada à idade de 12 anos, as meninas conquistavam o direito a leitura de livros que abordavam assuntos sobre casamento, problemas sociais e sexuais, perigos da homossexualidade feminina e sobre cordialidade, ou seja, aqui se formava o doutrinamento referente ao ideal de feminilidade da época. Nos anos de 1940 em São Paulo, existia a antiga elite, classificada como altamente conservadora e de origem italiana; daí se tem a configuração social paulistana.

Neste cenário, Maysa com 12 anos já fumava escondido no banheiro do internato e já havia escrito duas canções, “Adeus” e “Marcada”. A cantora, em 1976, concede uma entrevista para o programa de rádio Domingo Sem Futebol, onde explica que compôs a

música “Adeus” após o pai proibi-la de ver uma amiga como um castigo por não ter realizado a tarefa de casa. Maysa conta que se trancou no banheiro e começou a compor. Já a música “Marcada”, foi quando estava estudando no internato. Maysa cantava Maysa, suas músicas representavam seus momentos, como uma forma de elaborar seus processos.

Contrariando totalmente o papel social de uma adolescente da época, Maysa volta para casa aos 15 anos cantando em festas da família, tocando violão, usando batom, decote e tomando uísque. Já na idade adulta, Maysa casou-se com André Matarazzo, quase vinte anos mais velho, a quem, inclusive, disse que no começo via nele muito mais um pai do que um marido. Aos seus 20 anos, já casada e mãe, não era aceitável que uma mulher da classe elitista de São Paulo cantasse, ainda mais Música Popular Brasileira. Uma senhora da alta sociedade paulistana tinha deveres, ser cordial com seu esposo, ser devocional ao filho, estar tremendamente enlaçada com outras mulheres da alta sociedade, para chás e encontros. Por isso, aqui entra uma implicação na vida de Maysa: como uma senhora da alta sociedade poderia gerar lucro a partir de discos? De acordo com Logullo (2004), seria muito desonroso que uma jovem senhora realizasse tal feito, então seu esposo, André Matarazzo, achou uma solução, permitindo que Maysa gravasse apenas um disco após o parto, deu regras de como seria a capa e disse que os lucros seriam revertidos para alguma causa beneficente e assim aconteceu.

Em 10 de maio de 1956 nasceu Jayme, filho de Maysa e André, assim seu destino com a música poderia ser realizado, começando os preparativos para a produção do disco. O disco foi lançado e, mesmo com a sua imagem ocultada da capa, Maysa se tornou a sensação do momento, um completo sucesso. Com este alarde, a cantora começa a ser convocada para entrevistas em jornais, revistas e programas de TV, porém ainda era difícil que Maysa pudesse se considerar artista, por conta dos papéis sociais que precisava prestar, então sua atividade como cantora continuou ligada a conseguir recursos para uma instituição beneficente.

Se o contexto de uma sociedade vitoriana do século XIX atravessava a subjetivação das mulheres que chegavam à clínica de Freud, é inegável que o contexto brasileiro dos anos 50 em que as mulheres só deveriam desempenhar a função de mãe e esposa, atravessou a vida de Maysa. No que tange a teoria freudiana acerca do tornar-se mulher, o acesso à feminilidade começaria a partir da dissolução do complexo de Édipo feminino, que se dá por via da castração. Freud (1925/2011) explica que enquanto o complexo de Édipo do menino sucumbe ao complexo de castração, o da menina é

possibilitado e introduzido pelo complexo de castração. E de que forma? No complexo de castração, a mãe, que até então era o primeiro objeto de amor, passa a ter uma relação hostil com a menina na medida em que, na descoberta de que a mãe é castrada, a menina a abandona enquanto objeto de amor e o pai passa a ocupar este lugar.

De acordo com Freud (1933/2018), a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo do filho, ou seja, o filho possui uma equivalência simbólica referente à castração; o surgimento do desejo de um filho é uma tentativa de significar esse falo perdido. Por isso, é notório que a noção freudiana do processo de feminilidade percebe a mulher num trajeto natural até a maternidade, contudo, pensar que a mulher está destinada a ser mãe simplesmente por ser mulher se torna uma problemática, levando em consideração, principalmente, a vida de Maysa, na medida em que a sua constituição enquanto sujeito pode ter sido atravessada por uma maternidade regada de conflitos. Ou seja, as implicações da maternidade enquanto papel social na vida de Maysa foram muitas.

Segundo Costa (2018), muitas mães se sentem perdidas quando são convocadas ao lugar de mulher, assim como muitas mulheres se sentem perdidas quando precisam ocupar o lugar de mãe. Dessa forma, Maysa parecia se sentir deslocada das funções de mãe e esposa que lhe eram impostas e a profissão lhe exigia que estivesse fora durante a noite para realizar seus shows. Aos 21 anos, Maysa se tornou a cantora mais requisitada, mas em contrapartida, era atravessada por opiniões acerca do seu peso corporal, família questionando sua profissão e exigindo sua presença em casa para estar com o marido e o filho.

Como resultado de todas as pressões e implicações que esses papéis apresentavam em sua vida, Maysa, com 4 anos de casamento, pede divórcio; a cantora sempre quis liberdade, não queria mais sofrer repressões por parte da família Matarazzo a qual não permitia sua carreira de cantora. Após o divórcio, Maysa ganha a tutela do seu filho Jayme, contudo, o garoto passaria a viver então com os pais da cantora, uma vez que ela estava sempre viajando em virtude das agendas lotadas de shows e, posteriormente, Jayme vai para um internato, longe da mãe. Assim, é possível perceber que à Maysa foram designados dois destinos: ou ser mãe e esposa, ou ser artista.

É a partir disso que somos levados a pensar que, por mais que para Freud (1933), o complexo de castração nas meninas incentiva a feminilidade, preparando-as para o papel que lhes caberia mais tarde, o da maternidade, tal processo não pode ser encarado

enquanto um percurso natural, que acomete todas as mulheres. Maysa, então, enquanto uma mulher relativamente contemporânea, nos possibilita compreender que a feminilidade não está completamente atrelada à maternidade ou qualquer outro papel social.

Maysa e a devastação no processo de subjetivação feminina

Pensar o conceito de devastação, ou *ravage*, para Lacan, implica, muitas vezes, pensar numa relação devastadora entre mãe e filha, uma vez que, segundo o autor, a filha espera se identificar com a mãe, esperando mais subsistência de sua mãe que de seu pai. Contudo, aqui, vamos nos ater à segunda fórmula da posição de devastação proposta por Lacan: a devastação decorrente da demanda de amor de uma mulher para um homem. Tal demanda é atravessada por uma busca da existência desta mulher; é na medida em que ela busca uma identificação enquanto mulher que ela se apresenta enquanto causa de desejo do homem, procurando nele um “título de significante”.

A princípio, para entendermos o conceito de devastação é importante explanar acerca da lógica da sexuação proposta por Lacan em seu Seminário XX, Mais, ainda (1972-1973). Segundo Lacan, há uma diferença sexual entre o gozo feminino e o gozo masculino, sendo este último regido pela castração e pela lógica fálica. O feminino, no entanto, estaria não-todo submetido à castração, caracterizando-se enquanto um gozo suplementar que faz limite ao simbólico.

De acordo com Queiroz, Siqueira e Nóbrega (2017), no ato de fazer amor, por exemplo, o homem, na posição masculina é pouco afeito às palavras de amor. A mulher, na posição feminina, demanda que o homem com quem está lhe diga palavras de amor. Por isso, a posição do feminino na lógica da sexuação pode se revelar sob a face da devastação, na medida em que, frente ao desamparo, na mulher devastada, a demanda infinita de amor retorna para ela mesma. Nesse sentido, Zalcberg (2012), nos explica que na demanda de amor da mulher ao Outro, há, necessariamente, uma demanda de ser. O amor é, então, um dos semblantes ao qual a mulher recorre para tamponar a falta de um significante feminino. A devastação enquanto efeito dessa demanda pode ser compreendida a partir da fórmula “A mulher não existe”, abordando a impossibilidade de definir a mulher, sendo cada mulher singular.

Conhecida como uma mulher atormentada pela bebida e apossada pelas decepções amorosas, Maysa parecia viver amores intensos. Divorciada de André Matarazzo, aos 22 anos, a jovem Maysa, agora não mais Matarazzo, passa a usar o nome próprio. Quando questionada sobre o divórcio, a cantora diz “serei cantora enquanto alguém quiser me ouvir”. A partir disso, se torna uma das estrelas mais bem pagas da música brasileira; rica, famosa e cortejada por homens que dariam tudo para dividir um drinque com ela. Para além da sua voz e sua presença marcante, Maysa parecia se destacar também pelas histórias de amor que vivia e que, na grande maioria das vezes, tinham como resultado canções melancólicas que falavam sobre sofrimento e saudade decorrentes da partida do parceiro. É como se, na tentativa de encontrar o significante feminino que lhe faltava, Maysa recorresse ao semblante do amor. Assim, ela passou a ser vista como a ‘deusa das canções de dor de cotovelo e rainha da música da fossa’.

Neto (2017), em “Maysa: só numa multidão de amores”, relata alguns acidentes que a cantora sofreu; antes de 1958, o nome de Maysa voltou a render manchetes tão escandalosas quanto trágicas. “Maysa ferida: jogou seu carro contra um caminhão”:

Naquela madrugada, os moradores do prédio ouviram os gritos de um homem que, da calçada, insistia para que Maysa autorizasse o porteiro a deixá-lo entrar. Nunca se soube quem foi aquele visitante indesejado que, às altas horas da noite, identificou-se na portaria como “o marido de Maysa”. Foi logo depois de ele ir embora que Maysa resolveu sair, visivelmente abalada. “Não tenho marido”, comentou com o porteiro. Cerca de três horas depois, seu carro esborrachou-se na traseira de um caminhão que estava estacionado sem nenhuma sinalização junto ao meio-fio da avenida Atlântica, a principal via de Copacabana (NETO, 2017, p. 27).

Com isso, é possível pensar o conceito de devastação, tal qual Lacan entende enquanto efeito da relação entre uma mulher e um homem, na vida de Maysa; a cantora sofreu cortes profundos e teve escoriações generalizadas pelo corpo, precisou de uma sutura de oito pontos no queixo, além de curativos no supercílio esquerdo, que se abriu e ensanguentara todo o rosto. Abalada diante de mais uma das suas relações devastadoras, a cantora parecia não sustentar tamanha angústia, jogando o seu carro contra um caminhão. Os efeitos da devastação também se faziam presentes em suas canções que, como dito anteriormente, são canções tristes, melancólicas. Sobre o seu primeiro disco, Neto (2017) conta que desde “Marcada”, a música que abriu “Convite para ouvir Maysa”, o ouvinte era arremessado em um mergulho sem volta na atmosfera intimista da cantora:

“sofrendo calada, chorando sozinha, trazendo comigo a dor que é só minha, procuro em vão na fantasia um pouquinho só de alegria”, cantava Maysa.

Considerações finais

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o processo de subjetivação feminina e suas implicações nos papéis sociais designados à mulher sob o enfoque psicanalítico através da análise de duas produções biográficas sobre a cantora Maysa. Posto isso, ainda que tal objetivo tenha sido alcançado, é inegável que permanecem interrogações acerca do que a psicanálise entende sobre o processo de subjetivação feminina. Novas questões foram surgindo no decorrer do trabalho, na medida em que dialogar sobre o processo de subjetivação feminina à luz da psicanálise traz inquietações e lança perguntas, alimentando um campo de exploração sobre o que de fato é o tornar-se mulher.

Dessa forma, foi possível chegar à conclusão, primeiramente, de que o processo de subjetivação feminina para a psicanálise freudiana está atrelado a maternidade; Freud explica que é através do complexo de castração que a menina começa a se preparar para o papel da maternidade. Contudo, levando em consideração a análise da biografia de Maysa, é possível perceber que, para a cantora, a maternidade e o papel social implicado neste processo não foram encarados, tampouco experienciados, enquanto um caminho natural para a sua subjetivação. Se para Freud a menina se tornaria mulher a partir da maternidade, Maysa nos leva a pensar que este percurso não é de todo comum.

O processo de tornar-se mulher para Maysa foi regado por muita angústia, constantemente atravessada pelo desejo do Outro, o que refletia em suas canções. Na medida em que se entende que somos seres de linguagem, compreende-se também que suas canções eram o seu reflexo, enquanto mulher, enquanto sujeito. Com isso, seguindo uma análise sob a psicanálise Lacaniana, a partir da afirmação de Lacan de que A mulher não existe, é notório que a cantora recorria ao semblante do amor, na devastação, tentando se agarrar a um significante e dessa forma se reconhecer enquanto mulher.

Nesse sentido, é interessante perceber a perspectiva histórica do ser Maysa, sujeito único em seu caminho de subjetivação. Primeiro se reconhece como Maysa Monjardim, estando alocada em seu papel de filha, validada subjetivamente como tal. Após o casamento, passa a se chamar de Maysa Matarazzo, atribuindo a si outro significante e,

logo após o divórcio, passa a ser Maysa, como se para ser única e exclusivamente Maysa, tivesse deixado para trás a função de esposa. É por isso que, no desenvolver deste trabalho, compreendemos a força que os papéis sociais possuem sobre o ser feminino. Papéis sociais que nos enlaçam, tendem a nos moldar. Mas Maysa transbordava quando se sentia presa a tudo que não cabia, tudo que não dizia sobre ela, rejeitava qualquer enlaçamento que ousava destituí-la de ser simplesmente Maysa.

Por fim, cabe ressaltar a importância que Maysa tem para compreender e lançar inquietações a respeito do processo de subjetivação feminina para psicanálise. Maria Rita Kehl, na sua obra “Deslocamentos do feminino” de 2016, fala sobre a relevância que as pacientes de Freud tiveram para a psicanálise. Por isso, é inegável aqui a importância que a análise das biografias de Maysa tem para se pensar e repensar a feminilidade na psicanálise. Quando Freud e Lacan estudaram o processo de tornar-se mulher, ambos foram atravessados por contextos diferentes do qual Maysa estava inserida, e este, por sua vez, também é um contexto diferente do atual. Por isso, para dar conta desses desafios decorrentes de avanços na cultura e sociedade, se faz necessário estudos partindo de uma perspectiva cada vez mais atual sobre o processo de tornar-se mulher sob o olhar da psicanálise, visando novas ideias, novos argumentos, novas visões.

Referências

ALMEIDA, A. M. M. Feminilidade – caminho de subjetivação. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 3. p 24-44, dez. 2012.

COSTA, P. R. G. Feminilidade e maternidade no discurso contemporâneo. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, v. 49, p. 163-168, jul. 2018.

FREUD, S. (1925/2011) Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: Freud, S. **Obras completas: O Eu e o Id “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Trad. Paulo Cezar Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1933). A Feminilidade. In: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade** 1. Ed. (p. 313-348). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LACAN, J. **O Seminário: livro 20 mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972-1973.

LOGULLO, E. **Meu mundo caiu: A bossa e a fossa de Maysa**. Novo Século, 2004.

MAYSA MONJARDIM. **Domingo sem futebol**. Curitiba: Ouro Verde, 10 de dezembro de 1976. Programa de rádio.

NETO, L. **Maysa**: só numa multidão de amores. Companhia das Letras. 1 ed, 2017.

PERES, Rodrigo Sanches; CENTURION, Neftali Beatriz; CREMASCO, Maria Virginia Filomena. “Formar-se” e “ser” mulher: um breve ensaio sobre a sexualidade feminina. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 50.2, p. 401-420, 2018.

QUEIROZ, E. F.; SIQUEIRA, E. R. A.; NÓBREGA, P. A. O desafio do feminino no século XXI. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, p. 141-148, jul. 2017.

SILVA, L. R.; DAMACENO, A. D.; MARTINS, M. C. R.; SOBRAL, K. M.; FARIAS, I. M. S. Pesquisa Documental: alternativa investigativa na formação docente. PUCPR, 2009.

SOUZA, D. E.; KOSOVSKI, G. F. Mulheres e Espelho: a devastação e o irrepresentável no corpo feminino. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 166-172, maio/agost. 2018.

ZALCBERG, M. A devastação: uma singularidade feminina. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 44.2, p. 469-475, 2012.